

O POETA E AS GARÇAS

Luíz Horácio



Editora **Verso**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cristina Jones
Editora InVerso

REVISÃO

Carlos W. Jorge

FOTOGRAFIAS

Luiz Horácio

**CAPA, PROJETO GRÁFICO
E ARTE-FINAL**

Adriane Baldini

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Mona Youssef Hammoud — CRB/9.^a 1393

H811o
HORÁCIO, Luiz. O poeta e as garças. Curitiba: InVerso, 2020 28 p. 13 x 19 cm – PTBR
ISBN: 978-65-86436-24-2
1. Conto. 2. Conscientização. 3. Meio ambiente 4. Humanidade I. Título
CDD: 398.2

Conto: 398.2

Meio ambiente: 577.4



Ao adquirir um livro, você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por transformar ideias em realidade e trazê-las até você. **Todos os direitos reservados.** É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação de direitos do autor (Lei 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Ao meu pai Alvorino Machado
Rodrigues, um homem de imagens, meu
fotógrafo preferido.*

*À minha mulher Rejane Santiago de
Castro, enquanto eu fizer por merecer.*

*Às lágrimas respeitosas de minha filha,
Thamara Fernandes Rodrigues, ao
admirar o voo do gavião carcará.*

Em *O Poeta e as Garças*, meu pensamento é expresso pela câmera fotográfica. Não se trata de um mero acionar de disparador e pronto, está feito o registro. Pensamento, câmera, registro. A câmera que expressa meu pensamento; me refiro à retórica. A retórica da câmera. A câmera evolui num ritmo supersônico e se submete ao meu olhar. Ferramenta a estender meu pensamento, que evolui com a pressa Mollusca. Procuro não aviltar esse instrumento frio e ao mesmo tempo tão carinhoso e compreensivo comigo. Não existe fotógrafo sem câmera. Existe. Existe câmera sem fotógrafo, mas não existe fotografia. Câmera e fotógrafo. Separados,

dois inúteis. Unidos, ao menos a possibilidade de registrar sentimento e arte. Necessidade e expressão. Linguagens fundidas.

Penso e fotografo, nunca fotografei sem pensar. No entanto já vi, e ainda vejo o que câmera alguma jamais poderá registrar. Não lamento, tampouco me orgulho. Apenas sinto, por mim e por ela. Segredos. Nossos segredos.

Guardo fotos, mas não é para não esquecer. Guardo-as para ser visto por elas, pois há vida nas fotos. Os olhos nas fotos estão sempre a me perguntar: “*O que você vai fazer?*”



— O senhor tem um colchão velho pra me dar? — L. E. fez a pergunta.

O homem refletiu um pouco antes de responder.

— Você tem como levar?

— No meu carrinho.

— Onde você mora?

— Sabe aquela loja que vende pneus? Pois é, de noite ponho meu colchão lá, o gerente faz que não vê, meus cobertores estão no carrinho, aquele do outro lado da rua.

O homem trouxe um colchão em bom estado. L. E. agradeceu.

— Deus lhe pague, Deus sempre paga, acredite.

Fé. L. E. conserva sua fé, apesar de tudo. Ajudei-o a levar o colchão até o canteiro que separa a pista da avenida Ipiranga das águas fétidas do arroio Dilúvio. Minha vez de perguntar.

— Você acredita em Deus?

— Acredito e tenho fé. Leio a Bíblia, tio, quer ver?

Dirigiu-se ao carrinho e do interior de um saco de tecido retirou um exemplar da Bíblia.

— Leio sempre. Muito obrigado por me ajudar. Acho que já vi o senhor fotografando por aqui. Por que nunca me fotografou? Sou muito feio?

— Posso fotografá-lo agora se você quiser.

— Quero.

— Espera eu buscar meu cachorro? Está amarrado, está vendo, o pretinho? Aquele amarelo não tem dono, anda por aí.

Fotos de L. E., do cachorro, de L. E. com o cachorro. Antes de nos despedirmos ele puxou assunto:

— Olho pra essas águas dia e noite, tio, dia e noite. Noite passada eu estava no posto olhando TV, o noticiário só falou do coronavírus. Eu acho que tinham que falar também que se trata de uma crise ecológica, não concorda? Quer ver? No capitalismo é assim: sucesso econômico implica impacto ambiental e social. O homem depende da biodiversidade, e precisa cuidar, proteger o clima. A questão climática é importante, não concorda? Eu li sobre o aquecimento. Olha as águas imundas do riacho, olha pra mim. Somos o exemplo da crueldade capitalista, débâcle social e ambiental.





Eu tinha emprego, fábrica de refrigerante, agora tem refrigerante de tudo que é tipo, se essas pessoas soubessem o que estão bebendo... Mas isso não vem ao caso agora. A fábrica onde eu trabalhava demitiu trezentos de uma tacada só. Eu tinha acabado de alugar minha casa. Seis meses de firma, não peguei muita coisa de indenização. Eu era, acho que posso dizer assim, técnico químico. Entreguei a casa e fiquei com um pouco de dinheiro pra poder comer. Vim pra rua. Agora reciclo lixo, sabe quantas latas de refrigerante preciso juntar pra ganhar um real? Sessenta.

— Vamos fazer seu currículo, procurar emprego?

— Não dá mais, tio, não dá mais.

— E a fé, esqueceu da sua fé?

— Fé em Deus que me protege. Não nesse sistema. E vão me usar, tio, serei apenas uma ferramenta da obtenção do lucro. Eu quero ter prazer. E sabe onde se percebe o efeito do prazer? Não sabe? Na saúde, tio. Sabe o que eu quero, o que eu imagino? Que tivesse sol à noite, sol bem quente, porque aqui na rua é muito frio, tio, muito frio.



Está vendo aquele barraquinho, aquele, o menor de todos, com o cachorro amarrado ao lado? É do J., o poeta da rua. A prefeitura ofereceu aluguel social e ele não quis sair dali, disse que não tem sentido ele sair e nós ficarmos. E não ficou nisso, eu estava junto: “Eu gosto daqui, todas as manhãs as garças tomam café comigo.” É ou não é poesia, tio? Já fotografou ele?

— Ainda não.

— Pretende fotografar por aqui amanhã?

— Posso vir.

— Consegue ração pro Google?

— Google é o nome dele?

— Claro, sabe tudo. Tudo que pergunto ele responde, mas não adianta pedir demonstração, só funciona quando não tem um terceiro ser bisbilhotando. Vai trazer?

— Vou, tem preferência?

— Qualquer uma, desde que Premium.

Dia seguinte retornei com a ração do Google. Antes das nove horas, encontrei muitas pessoas dormindo em praças, sobre o canteiro da avenida Ipiranga, sobre calçadas e, óbvio, sob as marquises. M. estava dobrando as cobertas quando cheguei. Perguntei por que ele e tantos outros não se abrigavam sob as marquises.

— As pessoas jogam água, água sanitária; melhor em qualquer outro lugar, pelo menos não jogarão nada na gente. E não é só morador do edifício, tem gente que se diverte ao nos jogar coisas, nos molhar nas noites frias.

O D. usa muletas, acredita que já roubaram as muletas dele oito vezes? Quem rouba muleta é gente que não precisa. O senhor acredita que as pessoas sejam boas na sua essência, tio?

— Não.



Este conto tem como objetivo principal chamar a atenção para a degradação de um espaço na cidade de Porto Alegre, o arroio Dilúvio, e “denunciar” as condições em que seres humanos vivem às suas margens. A questão da moradia é a ferida mais fétida, mas infelizmente não é a única. A condição, tanto do arroio quanto dos seres que ali sobrevivem, é da mais violenta penúria e humilhação. Homens e mulheres vivendo de restos, morando em barracos, alguns não mais que simbólicos, pois de papelão e plástico; animais que se alimentam de peixes contaminados. E, quando reparamos no elegante voo das garças e sua presença silenciosa sobre os taludes, no repouso dos biguás sobre as árvores ao longo da avenida, na teimosa multiplicação das tartarugas, no azul ofuscante do martim-pescador, ou na obstinação dos tapicurus; isso tudo se torna muito mais triste, pois percebe-se que ainda resta um pouco de vida, que estimula novas vidas, nas águas do arroio ferido, quase morto. Mas até quando correrão contra a indiferença?

**Mas até quando correrão
contra a indiferença?**



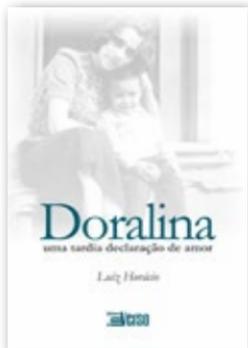
Luiz Horácio é escritor, tradutor, fotógrafo. Seis títulos publicados, três pela InVerso.

Em 2019 expôs no MAG–Museu Artur Guarise, “Asas de Ipanema”, fotos de pássaros que ocorrem na praia de Ipanema, em Porto Alegre. Em dezembro do mesmo ano ocorreu a exposição “Cicatrices do Abandono”, no Centro Cultural da UFRGS.

Leia também, do autor:



Quem está com Beatriz? Esta a primeira frase de uma personagem em “Beatriz. Viver é por enquanto”. Como em outras histórias deste autor, tudo tem início no núcleo familiar, e no caso de Beatriz, o começo não é nada otimista. Na abertura da narrativa alguém descreve o ambiente de uma casa onde está em curso um velório. É nesse cenário que Beatriz engatinhava, esquecida, a morte também deixa em segundo plano as crianças que apenas engatinham. O observador daquelas tristes cenas que jamais se apagaram em sua memória, num futuro distante buscará alguém para contar a história daquela menina. Ele encontra o escritor Luíz Horácio, membro daquela família.



Doralina mostra o narrador estupefato ante o amor desmedido de sua mãe por ele e a necessidade que ele percebia de aquela mãe se transformar em mulher atraente para seu pai. Luíz Horácio não acreditava nessa transformação. Trata-se de um livro onde as nuances da dor são apresentadas, descritas, mas longe de ser uma narrativa apelativa, melodramática. Realista talvez, exageradamente realista. Uma declaração de amor a uma lembrança que jamais será tristeza.



“Lembro muito bem de um amanhecer dos mais bonitos que já presenciei, mês de maio, dia dezanove, meu pai me deu um cavalo, um alazão. Ele mesmo domou. Nem bem tinha montado ele me deu outro presente, desta vez amargo, a notícia mais triste da minha vida. A mais triste. Mas não demorou muito tempo para deixar de ser a mais triste. É verdade... a dor não cansa de apagar nossas histórias!”

Thelma pode ser lido como um romance de formação, uma narrativa autobiográfica, ou se assim desejarem os mais exigentes, uma autoficção.